

O BAETATÁ EXISTE REALMENTE? ¹

Vanderci de Andrade Aguilera²

Resumo

Para a pesquisa do Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994), utilizamos na coleta de dados o método direto, isto é, entrevistas realizadas *in loco* junto a informantes rurais, não escolarizados ou com baixo nível de escolarização, de ambos os gêneros, e na faixa etária de 30 a 60 anos, aos quais se aplicava um questionário de 325 perguntas. As seis últimas questões envolviam narrativas, lendas e crendices e, dentre estas, selecionamos a de n.º 319 sobre o boitatá ou baetatá para análise neste estudo. A questão era assim formulada: “O (A) senhor(a) conhece alguma história sobre o boitatá?”. Uma vez afirmativa a resposta, seguiam-se outras questões com o objetivo de apurar alguma história vivenciada pessoalmente, ou que lhe fora relatada, como: “O (a) senhor(a) ou alguém de sua família já viu o boitatá?”, “como foi isso?”, “como ele é?”, “quem é o boitatá?”. Com base nos princípios teóricos da Dialetoлогия e da Geolingüística, discutimos a existência e a distribuição diatópica do mito entre os moradores rurais paranaenses, bem como a sua caracterização no imaginário popular.

Palavras-chave: narrativas orais, Paraná, boitatá; baetatá.

Abstract

For researching the Linguistic Atlas of Paraná we used the direct method for collecting data, that is, interviews made *in loco* with rural informants, exposed to very little formal education or with no education at all, both males and females, in the age range from 30 to 60 years-old. A questionnaire with 325 questions was applied to them. The last six questions covered narratives, legends and popular beliefs, and among these questions we chose number 319, the one about the myth boitatá or baetatá, our object of analysis in this study. The question was made like this: “Do you know any stories concerning the boitatá?” If the answer was affirmative, other questions were asked to verify any other story personally experienced, or told to the informant, such as: “Have you or anyone in your family ever seen the boitatá?”, “how did it happen?”, “how was it?”, or “who is the boitatá?” Based on the theoretical principles of Dialectology and Geolinguistics, we discuss the existence and the diatopic distribution of the myth among the rural inhabitants in the state of Paraná, as well as its characterization in the popular imaginary.

Keywords: oral narratives, Paraná, boitatá, baetatá.

INTRODUÇÃO

Neste estudo analiso algumas narrativas orais recolhidas *in loco* no interior do Estado do Paraná - Brasil, sobre a lenda do boitatá ou a crença no baetatá. Trata-se de parte do corpus constituído para a composição do Atlas Lingüístico do Paraná,

¹ Texto apresentado no Storytelling in the Americas Conference (Brock University, 2001, Canadá) e publicado no *Latin American Narratives and Cultural Identity*, New York, Peter Lang Publishing, 2004, p. 201-216.

² Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera, docente da Universidade Estadual de Londrina, pesquisadora do CNPq. vanderci@sercomtel.com.br.

doravante ALPR, (AGUILERA, p.1994), como resposta à questão n°. 319, assim formulada: “o(a) senhor(a) conhece alguma história sobre o boitatá?”. Uma vez afirmativa a resposta seguiam-se outras questões com o objetivo de se apurar alguma história que lhe fora relatada ou mesmo vivenciada pessoalmente, como: “O (a) senhor(a) ou alguém de sua família já viu o boitatá?”, “como foi isso?”, “como ele é?”, “quem é o boitatá?”.

Em nossa pesquisa para o ALPR, o instrumento de coleta de dados previa seis narrativas: uma de experiência pessoal, e as cinco outras sobre credices populares: boitatá, saci, lobisomem, caipora ou caipora, curupira ou currupira e mula-sem-cabeça. A questão 319 indagava inicialmente sobre boitatá, mas, no decorrer da pesquisa de campo, verificou-se que a forma mais utilizada pelos informantes do interior paranaense era baetatá, e sua variante baitatá, o que motivou a reformulação da pergunta adotando-se as formas populares regionais. Essa distinção do significante levou à descoberta de diferença quanto ao significado, isto é, tratava-se de dois referentes: o/a boitatá, cobra de fogo, ambientada nas campinas gaúchas, e o baitatá, coisa ou bola de fogo, habitante das matas paranaenses.

1. BOITATÁ E BAETATÁ: DUAS LENDAS E DOIS MITOS?

O boitatá é um mito bastante difundido no meio rural paranaense, de provável origem indígena, muito conhecido no interior do Brasil, sobretudo no sul, mas pouco estudado pelos antropólogos, folcloristas e linguistas. É certo, também, que, dentre as lendas brasileiras, as do boitatá e do baetatá, sobretudo esta última, não estão entre as mais divulgadas pela mídia e pela escola, perdendo de longe para o saci, a mãe-d’ água, o lobisomem e até mesmo para a mula-sem-cabeça. Isso nos levou a pensar em sua ausência ou pouco frequência em sites na Internet. Qual não foi nossa surpresa, porém, ao verificar que, sob o título boitatá, encontrava-se cerca de uma centena de sites sobre o mito em apenas uma das ferramentas de busca utilizadas. Muitos textos, porém, eram cópias ou paráfrases uns dos outros, quase todos baseados em Cascudo (1972). Sob o título baetatá/baitatá a busca resultou praticamente nula na Internet, constando apenas do corpo dos textos sobre o boitatá.

A pesquisa em dicionário, por sua vez, mostrou que os nomes boitatá e baetatá procedem de duas raízes do tupi, remetendo, no imaginário popular, a seres distintos, uma vez que, com a entrada boitatá, Cunha (1994, p.116) define o boitatá como fogo

fátuo, para quem a primeira referência escrita seria de 1872, e como baetátá, de 1706, proveniente do tupi maeta' ta < ma' e coisa + ta' ta fogo. A datação no dicionário sugere ser esta última a forma original criada ou usada pelos primeiros habitantes da terra na designação do fenômeno visto como sobrenatural, posteriormente modificada na variante boitatá, para a qual o dicionarista afirma ter havido a intercorrência de ' moia ' cobra', daí 'cobra de fogo'. No entanto, Cascudo (1972, p. 153-4) registra que o padre jesuíta José de Anchieta já em 1560 informava numa de suas cartas que havia também outros fantasmas, sobretudo nas “praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios e são chamados baetátá, que quer dizer cousa de fogo, o que é o mesmo como se se dissesse o que é todo fogo. Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza”. A partir dessa informação, assumimos que a boitatá e o baetátá são seres distintos no imaginário popular, diferentes na origem, no aspecto, no habitat e na atuação junto à natureza e os homens.

2. OS DIFERENTES E SEMELHANTES BOITATÁS/BAITATÁS BRASILEIROS E SUL-AMERICANOS

Dicionários regionalistas, como o de Corrêa (1964), registram que o boitatá é o fogo fátuo, do “guarani mboy, cobra, e tatá, fogo – cobra de fogo, e não mbaê-tatá, coisa de fogo. É uma das poucas superstições entre os camponeses rio-grandenses. Quando são perseguidos pelo boitatá, atiram para trás, de modo a cair sobre ele, o laço enrodilhado, e assim o afugentam, não devendo, porém, olhar para trás”. Callage, citado por Corrêa (1964, p. 45), afirma que a boitatá é mais uma crendice do que uma lenda, pois, “conta-se entre a gauchada das estâncias que nos passeios e nas viagens à noite, aparece um fogo volante, às vezes em forma de cobra, outras vezes em forma de pássaro, voando na frente do cavaleiro, impedindo-lhe a marcha”.

Como se pode observar, dicionaristas e folcloristas gaúchos divergem quanto à etimologia do vocábulo, à definição do fenômeno, ao encaixamento entre os gêneros ou espécies, sendo aqui tratado mais como uma superstição, crendice do que propriamente uma lenda. Tal postura contraria outros folcloristas gaúchos, como Waldeck, p. 2001, que afirmam tratar-se de uma lenda gaúcha presente no imaginário popular brasileiro e que mereceu uma literatura escrita mais representativa documentada por escritores como Barbosa Lessa (1963) e Lopes Neto (2001). De origem indígena, ligada às lendas do

dilúvio, aparece ao lado de outras que explicam a gênese, por exemplo, do milho, da mandioca e da erva-mate.

Diz uma das versões que houve um período de noite sem fim nas matas. Além da escuridão, houve uma enchente causada por chuvas torrenciais. Assustados, os animais correram para um ponto mais elevado a fim de se protegerem. A boiguaçu, uma cobra que vivia numa gruta escura, acorda com a inundação e, faminta, decide sair em busca de alimento, com a vantagem de ser o único bicho acostumado a enxergar na escuridão. Decide comer a parte que mais lhe apetecia, os olhos dos animais. E de tanto comê-los vai ficando toda luminosa, cheia da luz de todos esses olhos. O corpo transforma-se em ajuntadas pupilas rutilantes, bola de chamas, clarão vivo, boitatá, cobra de fogo. Ao mesmo tempo, a alimentação frugal deixa a boiguaçu muito fraca. Ela morre e reaparece nas matas como uma serpente com olhos semelhantes a dois faróis, couro transparente, que cintila nas noites em que aparece deslizando nas campinas, nas beiras dos rios. Quem encontra esse ser fantástico nos campos pode ficar cego, morrer e até enlouquecer. Assim, para evitar o desastre, os homens acreditam que têm que ficar parados, sem respirar e de olhos bem fechados. A tentativa de escapular apresenta riscos porque o ente pode imaginar fuga de alguém que ateou fogo nas matas. No Rio Grande do Sul, acredita-se que boitatá seja o protetor das matas e das campinas, e em muitas versões é tratada no feminino: a boitatá.

O boitatá, em Santa Catarina, descrito por Crispim Mira, na obra *Terra Catarinense*, citada por Amaral (1976, p.301), aparece sob a forma de um touro de pata semelhante à dos gigantes e com um enorme olho bem no meio da testa, a brilhar como um tição de fogo. Ninguém sabe onde fica seu habitat, nem do que se alimenta. O certo é que ora se mete pelo mar a dentro como um cavalo marinho, ora voa por cima das árvores como um fantástico pássaro infernal”. Para Boiteux (2001), no entanto, dizem que “é a alma de caboclo que costuma aparecer nos sítios em que qualquer compadre costuma ter tratos carnavais com uma das suas comadres. Não se lhe deve mostrar as unhas para não ser por ele perseguido. Para prendê-lo, ou afugentá-lo deve-se dizer: - Maria, vai buscar a corda do sino para prender o boitatá”.

Sobre a passagem de mboitatá (cobra de fogo) a boitatá, Amaral (1976, p.302) trata-a “como um curioso exemplo de etimologia popular como elemento transformador de um mito”, e ilustra com a metamorfose sofrida pelo mito ao sair das terras gaúchas e passar às catarinenses: “Percebe-se nisto tudo que a palavra “boi” (mboy) é que deu causa à transformação do mito primitivo, que deixou de ser uma cobra para ser um

monstro corpulento e de forma incerta e variável. (...) A palavra, tomada no seu sentido português, perturbou completamente a concepção antiga, misturando-se com a idéia cristã e popular do diabo.”

E conclui Amaral (1976, p. 302): “Não será de admirar que dentro de mais algum tempo a transformação se tenha completado, e aquilo que foi a cobra errante do indígena se fixe definitivamente em boi, num boi diabólico e maléfico, mas boi, como o bode preto é bode ou como a mula sem cabeça é mula... quando não é cavalo”.

Cascudo (1972, p. 153), um dos maiores e mais completos folcloristas brasileiros, faz um rastreamento da origem e expansão da lenda do boitatá, associando-o com a ronda dos Lutinos na França, à luz-louca da Alemanha, chegando ao fogo-dos-druidas e ao fogo-de-Helena, antepassados do santelmo entre os romanos. Em Portugal, além das alminhas, alma dos meninos pagãos, é a “transformação de quem amou sacrilegamente, irmão e irmã, compadre e comadre”.

No Brasil, ainda segundo Cascudo (1972, p. 153), assume em cada região um nome e aspecto específico: baitatá, batatá, no centro-sul; bitatá na Bahia; batatal em Minas Gerais; bitatá em São Paulo, Jean de la foice ou Jean Delafosse em Sergipe e Alagoas; João Galafuz em Itamaracá e batatão no Nordeste. O folclorista, entretanto, não faz referência à boitatá gaúcha nem à gênese associada às lendas do dilúvio.

No Paraná, desconheço qualquer literatura escrita sobre o baetatá, o que impede saber se se tratava originalmente de uma lenda com personagens definidos, como o caso da boitatá gaúcha. Santos Filho, em “Mitos e heróis do folclore paranaense” (1979), embora relacione inúmeras lendas brasileiras e paranaenses, não dedica espaço para o baitatá, referindo-se superficialmente ao boitatá.

As informações de que disponho vieram das narrativas orais dos informantes do ALPR, e nelas o baitatá, não se apresenta zoomorfizado: não é cobra, nem boi, nem cavalo marinho, nem pássaro descomunal. São bolas, tochas, faíscas de fogo condenadas a se baterem eternamente nas noites, nos campos, entre os galhos das árvores. Normalmente não fazem mal aos que os vêem, apenas têm que cumprir todas as noites o castigo. Trata-se, pois, da reificação de dois seres humanos - o compadre e a comadre - símbolo do castigo divino por transgressão a regras morais cristãs: a relação incestuosa. Esse contato carnal verbaliza-se nos depoimentos em expressões com os verbos casar, andar juntos, se juntar, morar juntos, dormir juntos, não se respeitar, transar, ter transa um com o outro, se amar, se gostar; ou pelas expressões sem qualquer complemento verbal: relação do compadre com a comadre; o compadre e a comadre; o

compadre com a comadre, a comadre mais o compadre, deixando implícita a relação incestuosa. Ao contrário da boitatá dos gaúchos, essencialmente indígena, sem qualquer conotação moral ou religiosa, o baitatá paranaense apresenta-se como uma narrativa híbrida em que se cruzam valores indígenas com valores portugueses trazidos provavelmente pelos jesuítas. Para explicar um fenômeno natural, como o da combustão dos corpos em decomposição, o fogo fátuo, aproveitou-se para pregar a moral cristã vigente na época: evitar o adultério entre casais comprometidos com um dogma da igreja católica: o batismo.

O baitatá com as características paranaenses (bolas de fogo) pouca vitalidade tem nos demais Estados brasileiros, pelo menos se tomarmos como referência Araújo (1960), que trata da boitatá, cobra de fogo, protetora das matas, com morada em quase todos os Estados.

Colombres, apud Sausserig (2001, p. 2), comenta que no Paraguai e na região da Província de Misiones, na Argentina, onde se dá muito valor ao compadrio, esta visagem tem um papel de protetor ético. Se o compadre e a comadre não guardam o devido respeito ou se faltam aos mútuos deveres conjugais, os transgressores se convertem em mboi-tatá durante o sono noturno, e “estas bestias com cuerpo de víbora o de pájaro com cabeza de llama viva se atacarán y devorarán el uno al otro, arrojándose fuego, hasta el amanecer; y otro tanto harán a la noche siguiente, hasta la muerte de ambos y aun después”.

Embora o acesso a material bibliográfico sobre a lenda na América do Sul tenha sido restrito, nota-se que os mitos paranaense, gaúcho e sul-americano (região de Misiones e do Paraguai) ora se fundem, ora se distinguem, mantendo no imaginário popular as impressões que o grupo reteve inicialmente e que narradores geralmente ágrafos transmitem oralmente de uma geração à outra.

Confrontando-os verifica-se que (a) há uma diferença fonética no nome: é boitatá e mboitatá no Rio Grande do Sul e na América do Sul, respectivamente, mas baitatá no Paraná; (b) ‘fisicamente’ o boitatá sul-americano e o gaúcho se assemelham (cobra/pássaro de fogo) em contraposição à coisificação do baitatá paranaense (bola, tocha, faíscas de fogo); (c) o paranaense e o sul-americano são o fruto do pecado e da sanção religiosa, enquanto o gaúcho provém de uma das lendas sobre o dilúvio; (d) o castigo, nos dois primeiros, concretiza-se por estarem condenados ao eterno confronto físico; (e) o baitatá é inofensivo, se não for provocado, podendo, às vezes, provocar queimaduras na vítima; o sul-americano é mais agressivo, causando até cegueira e o

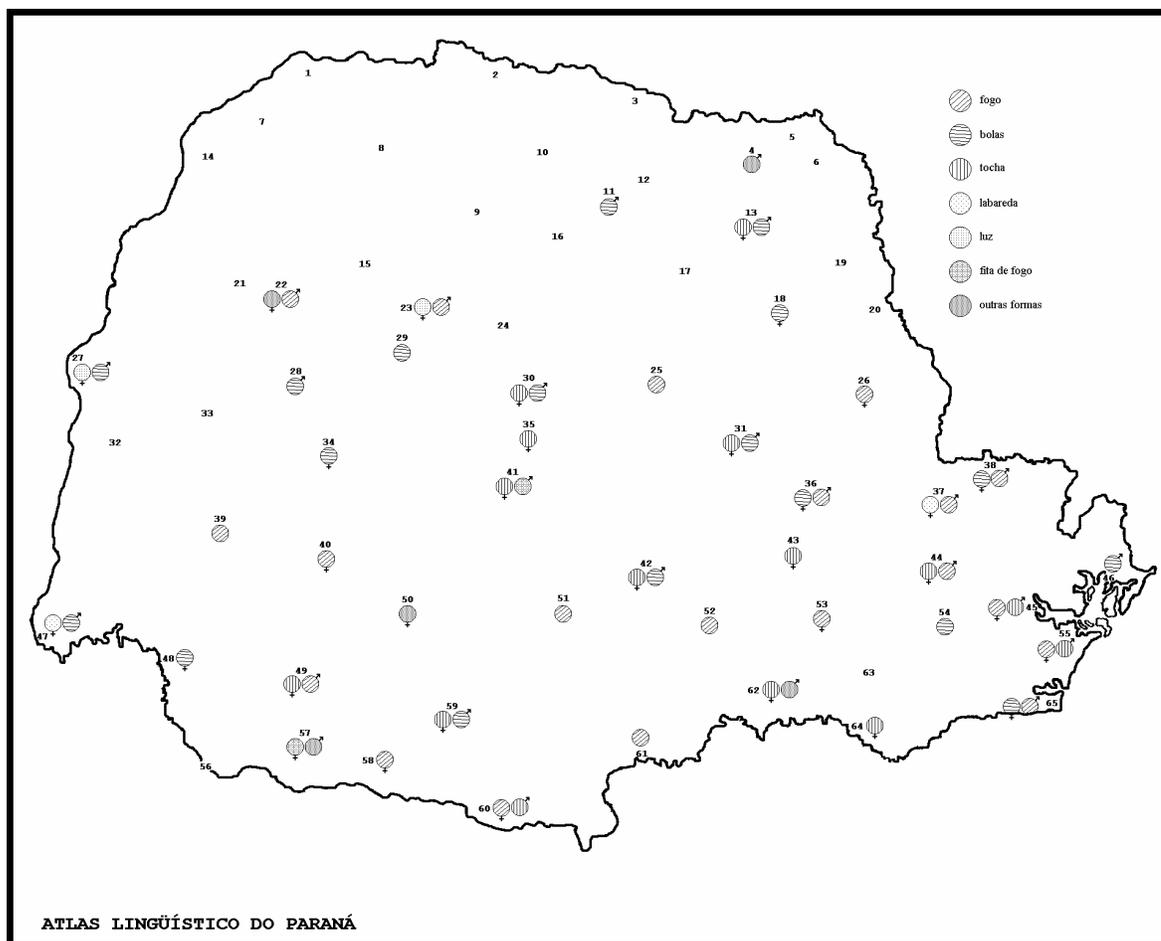
gaúcho é domável e volátil, desfazendo-se em contato com ferro; (f) em decorrência das origens distintas, os dois primeiros são protetores éticos e o terceiro, ecológico. As semelhanças e diferenças podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Paraná	Rio Grande do Sul	América do Sul (Argentina e Paraguai)
Baetatá/baitatá	boitatá	mboi-tatá
Bolas de fogo	cobra luminosa	cobra ou pássaro com a cabeça em chamas
Castigo/sanção	lenda do dilúvio	castigo/sanção
Batem-se eternamente		atacam-se e devoram-se mutuamente
Geralmente inofensivo	domado pelo laço	Provocam a cegueira
Protetor ético	protetor das matas	protetor ético

2 Narrativa, relato, lenda, crença, crendice, mito...?

Como classificar os depoimentos? Têm características de narrativas, de relatos, de lendas ou de todas elas? Acerca da narrativa, Benjamim (1986, p.205) esclarece que, florescendo num meio de artesão: “Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” Da mesma forma, nas muitas versões de que se revestem essas narrativas na fala dos informantes do ALPR, ficam evidentes as marcas do narrador. Como exemplo, o baitatá é descrito principalmente como fogo, ou bolas de fogo; mas também tocha, labareda, luz, fita de fogo, além de outras formas conforme consta do mapa 1¹:

ASPECTO DO BAITATÁ NO IMAGINÁRIO POPULAR



Analisando-se o corpus, verifica-se que ora se trata de narração de experiência pessoal, ora são relatos das aparições do mito segundo a tradição oral popular. Neste último caso, o fato narrado nem sempre se constitui em objeto de crença indiscriminada para todos os narradores. Dos 130 informantes, 27 (21%) viram pessoalmente o baitatá; 25 (19%) reproduzem alguma narrativa ouvida geralmente dos ancestrais ou vivenciada por eles; 34 (26%) ouviram falar do baitatá e são capazes de descrevê-lo, enquanto 44 (34%) não conhecem nenhuma história nem ouviram falar do mito. Nenhum deles, porém, consegue explicar ou reconhecer a visão como um fenômeno natural, resultante do desprendimento e combustão de gases dos corpos em decomposição: o fogo fátuo ou santelmo.

As histórias aqui caracterizadas como narrativas trazem quase todos os elementos propostos por Labov para esse tipo de texto - resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda - enquanto as outras apenas referenciam um ou outro

elemento descritivo sem uma seqüência narrativa, como se poderá observar nas falas abaixo²¹:

Como exemplo de narrativas temos:

1. “Ah! meu pai que falava do baitatá. Meu pai falava que um dia ele foi caçar no rio, daí ele chegou lá no rio e diz que começou aquele barulho e aquele fogo. Daí ele disse assim que era o baitatá, ele disse que o baitatá era parte do coisa ruim, né, e estava assustando ele. Daí ele pegou e foi e voltou pra trás por que já era três vezes que ele tinha ido pra lá, e três vezes que ele passava por ali e o baitatá estava atentando ele e era o coisa ruim”. (inf. 55A).
2. “Ah! Sim, nós vimos uma vez, nós estávamos sentados na área de casa quando chegando daí de noitezinha tinha um fogo na roça do vizinho e desceu aquela fita de fogo naquele um e daí daquele extraviou tudo, de repente subiu um com o outro pra cima daí desceu e se pecharam daí ficaram em dois, daí um ia sozinho, de repente os dois subiram em cima duma serra e sumiram, nós vimos uma única vez, mas aí contaram que era o tal do baitatá”. (inf. 57 A).

Como exemplo de simples relatos, sem a estrutura da narrativa, temos:

3. “Volta e meia aí num lugar eu noto aí que dava (o baitatá), eles falavam que tinham visto o baitatá e coisa e eu ficava ‘escuitano’ assim, mas eu mesmo enxergar nunca enxerguei”.(inf. 57 B).
4. “É o tempo de ‘dantes’, eles falavam assim, minha mãe, minha avó, todas já são falecidas. Sempre elas falavam assim: tempo de quaresma, sexta-feira, quarta-feira não saiam de noite porque é muito perigoso de noite ver o boitatá. Voa, né? Sai do cemitério, senta nos pinheiros e o boitatá queima a pessoa. Se ele tiver raiva da pessoa, e a pessoa for indo para a encruzilhada e encontrar com ele, ele queima a pessoa, né? Falavam assim antigamente”. (inf. 40 A).

Fazendo-se essa primeira distinção, entre narrativa e relato, a próxima dúvida que surge quando se trabalha com material dessa natureza é definir se as histórias do baitatá paranaense têm status de lenda. Se se tomar como base a definição de Amaral (1976, p. 43), pode-se afirmar com segurança que se trata de lenda, pois, “ as lendas, ensinam os mestres, são narrações populares que constituem objeto de crença, geralmente localizadas, individualizadas e “ datadas”, isto é, com determinações de lugar e de época e com personagens reais, ou assim consideradas”.

As narrativas em questão preenchem esses requisitos pelo fato de (a) serem localizadas: a visão se dá nas matas, nos pinheiros, nos arredores da casa:

5. “ tem [baitatá] inclusive naquela lombada do Praxedes. Esses dias a turma viu, sabe? Se batem uma na outra, né? E voa fogo de todo lado. Lá pro lado da prefeitura, lá pra cima” (inf.35a).

(b) Individualizadas: o fato sempre se sucede com alguém conhecido do narrador e merecedor de crédito - o pai, a mãe, o avô, ou mesmo os ‘antigos’ e até consigo mesmo:

6. “Bom, o baitatá que eu vi naquela serra lá, (...) então ele estava num pinheiro seco e estava fazendo assim, parece derrubando fogo pra baixo, então diz que aquele é baitatá, vai só numa madeira seca, mas só ali de longe assim, parece que vai derrubando fogo pra baixo assim. ((O senhor viu só uma vez?)) Só. (...) Eu já vi baitatá bem de pertinho. ((Como ele é?)) Ele vai assim jogando brasa assim pra frente e vai indo, no meio do mato assim, ele vai jogando brasa. = ((Quem vira baitatá?)) Baitatá diz que vira de duas comadres, elas brigam e depois viram baitatá”. (inf. 61B).

7. “ (minha tia diz) que tinha um irmão dela que viu, diz que até era perseguido, até o meu avô diz que ele fazia até curativo, simpatia atrás dele pra quando ele saía pro baitatá num tentar ele. Ele via direto”.

c) Datadas: podem ser recentes ou terem se perdido no tempo:

8. “os antigos diziam que boitatá é compadre com comadre que se juntam. Quando são vivos soltam fogo pelo calcanhar e depois que morrem viram duas tochas de fogo” (inf. 13 A).

9. “Eu passei uma canseira uma vez. Me queimou o ‘desgracido’ e eu nem esperava, me queimou, levei uns seis meses para me curar (...) vinha vindo do avô dela com as compras e no que eu vi a distância que ele vinha vindo, baixo assim, tipo uma lanterna de querosene, vindo por cima dos cachos de arroz, lá no campo de arroz, e eu não liguei, sei que quando vi, perto uns trinta metros, apagou-se. Daí não vi mais nada. Quando acordei, acordei no outro dia de costas, no carreador da estrada, de costas, eu fui embora, esta parte das costas toda queimada. (...) Não faz muito tempo, faz um quatorze anos”. (inf. 62B).

d) O baitatá é real, pode ser visto e até deixar seqüelas negativas, como o desmaio e a queimadura nas costas conforme relata este último informante, ou apenas o baitatá:

10. “passeia de um lado para outro nos campos, às vezes senta, fica quieto lá onde ele abaixa e fica quieto lá” (inf.26A).

Amaral (1976, p.43-4) não tem dúvidas de se tratar de uma lenda quando fala da contribuição indígena na formação do folclore nacional: “ Há restos de lendas feiticistas,

zoomórficas e antropomórficas do índio, espalhadas um pouco por toda a parte e em vias de dissolução e olvido. Dessas, é fácil recordar de momento a da Mãe-da-água, a da Mãe-do-ouro, as do Saci e do Curupira, a do Boi-tatá. Andam muito misturadas com outras de vária origem”.

Concebendo-se a lenda, tal qual descreve Ferreira (1975, p.829), como 1. tradição popular ou como 2. Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou imaginação poética, as histórias narradas sobre o baitatá podem ser categorizadas como lendas, inseridas no gênero narrativo. Por outro lado, neste trabalho, a figura do baitatá, em si, será tratada como um mito, seguindo a definição de Basílio Magalhães, citada por Araújo (1960, p. 414): “mito é a transfiguração dos seres e fenômenos naturais em corpos inaturais e forças sobrenaturais, totens e tabus, pelo eu projetivo do homem inculto”. E, como se sabe, o mito gera a lenda.

Qual a melhor concepção do baitatá? Trata-se de crença ou de credence? Uma consulta ao dicionário de Ferreira (1975, sv) revela que cada conceito é tratado sob uma ótica diferente. No verbete crença - opinião adotada com fé e convicção – revela-se a concepção do sujeito, isto é, a forma pela qual o agente se coloca diante de um fato, a sua opinião; no verbete credence, entretanto, - crença popular absurda e ridícula – trata-se da concepção do fato ou fenômeno na visão do observador e não na do agente. Assim, o que é crença para a maioria dos meus informantes rurais, não escolarizados, é credence para alguns desses informantes e para o falante urbano e letrado na qualidade de observadores. Cada um desses dois conceitos deve ser aplicado caso a caso, pois ambos estão bem delimitados na fala dos informantes, na medida em que para uns o baitatá está incorporado no mundo dos vivos e revela seu poder sobre eles, enquanto para outros ele não passa de uma visagem, de coisa do passado e até de conversa de mentiroso, como se pode documentar pelos depoimentos 11 a 16, em que de 11 a 13 é o nível da crença e 14 e 16, o nível da credence:

11. “Aqui nunca ninguém viu, não, mas a mãe contou. Disse que ela via ele, né, andou vendo já quando ela morava aí por essas casas, contou que é muito feio, dando cambota no ar assim”. (inf. 15A)
12. “Já [vi]. Fica nas árvores assim. Diz que se não mexer com ele, diz que ele não mexe com a gente, só quem assobia, daí ele...daí ele vem, e queima. ((E a senhora já viu muito?)) Já, eu vi bastante já. ((Onde?)) Ih, assim nos matos, sempre dá, a gente

enxerga de longe aquela tocha de fogo, (...) Se assobiar eles vêm, que vêm loucos na gente”. (inf. 41 A).

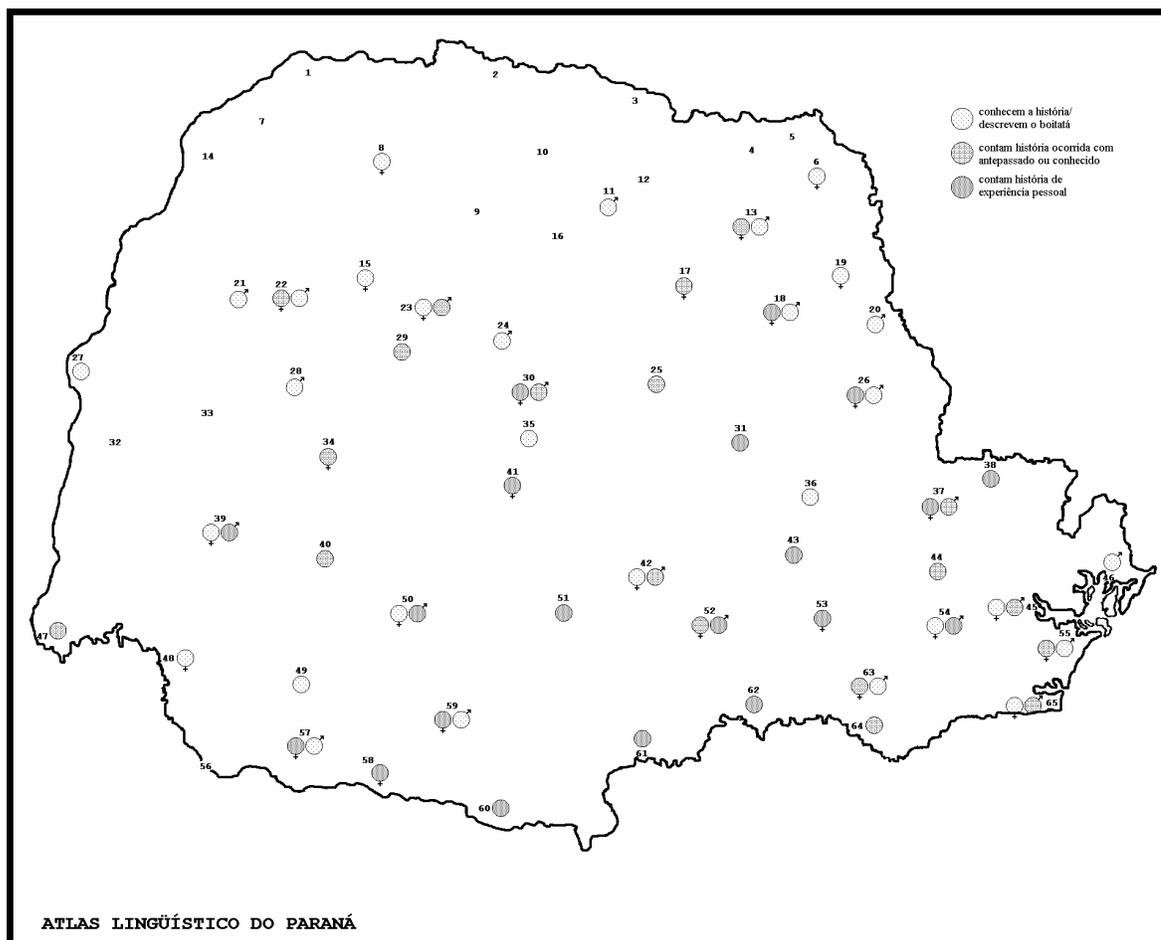
13. “Aí o pessoal na praia quando a turma viajava de canoa pra Paranaguá diz que tinha muito baitatá. Baitatá diz que ele saía da parte do mangue assim da beira do mangue, lá perto de Paranaguá, diz que saía aquela tocha de fogo e vinha assim pingando fogo, né, e passava por perto do canoeiro, jogando aquela faísca de fogo, mas não... não prejudicava, né, só assustava, tinha que ter muita coragem pra resistir”. (inf. 55B).
14. “Então ninguém... não sabe até que era o tal de baitatá se era uma visagem ou o que era. Um diz que era a coruja quando estava choca, que voava daquele jeito. Até hoje ninguém sabe o que é... que era o tal baitatá, tinha por visagem. Eu graças a Deus, não vi e acho que nem quero ver também, acho que nem existe mais essas coisas, essas coisas são dos antigos, o baitatá.” (inf. 55B).
15. “Ah, de primeiro a gente via aqueles fogos, então falava que é [baitatá], mas nem sei se aquilo é baitatá, nem sei se é mesmo.” (inf.13B).
16. “Que eu me lembre [de ter visto?]? que eu vejo é muito mentiroso contar que viu baitatá, mas... gente verdadeira mesmo eu nunca vi contar que viu.” (inf. 20B).

A concepção de crença e credence parece estar expressa na fala do mesmo informante, conforme se verifica em 13 e 14: na primeira relata um fato real acontecido com os canoieiros, tão verídico que era preciso ter muita coragem para resistir; na segunda, o narrador expressa sua opinião, enquadrando o baitatá no plano das visagens, assombrações, que ele não viu, mas nem quer ver, pois acha que não existem mais, pertencem ao passado, aos antigos.

3 A distribuição espacial do baitatá no Paraná

A efetiva ocupação do solo paranaense tem início no século XVII, pelo litoral, com a chegada dos primeiros paulistas, e estende-se gradativamente, pelos séculos XVIII e XIX, em direção ao norte, ao centro e ao sul, com a contribuição de brasileiros e estrangeiros de várias procedências. Somente na primeira metade do século XX é que se completa o povoamento das regiões Norte e Oeste. O baitatá seguiu a trajetória dos primeiros colonizadores: concentra-se na região do Paraná Tradicional e rarefaz-se no Paraná Moderno, conforme se verifica no mapa 2 em que se apresenta, segundo a crença ou a credence de cada um a distribuição espacial do baitatá no Paraná.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO BAITATÁ NO PARANÁ



A distribuição diatópica do baitatá no Paraná está, pois, associada à sua história social: povoadamentos antigos retêm com maior vitalidade as lendas e mitos; comunidades modernas, formadas no século XX, não preservam as narrativas orais que encantavam e amedrontavam o imaginário dos antepassados. As experiências pessoais, o contato com o baitatá ainda é bastante significativo se considerarmos o avanço dos meios de informação e de comunicação nesse Estado nos últimos 40 anos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo comprovou que, na prática, existem duas formas de baitatá: uma, no extremo sul brasileiro, pertencente ao folclore gaúcho, que se materializa numa cobra de fogo e se origina de uma lenda sobre o dilúvio. A outra, presente no Paraná, registrada como baetatá/baitatá, e materializada em bolas, tochas, faíscas ígneas, vistas à noite, entre os galhos dos pinheiros, a se ‘pecharem’ ou a se baterem constantemente, em razão de castigo divino por transgressão a princípios religiosos impostos pelos jesuítas.

Parece pertinente a trajetória do boitatá no Brasil apresentada por Encina, num site intitulado: Boitatá (Mboi-tatá, baitatá, bitatá, biatatá, batatão, João Galafuz...) (2001, p.1): “inicialmente vivia perto do mar e dos rios e matava os índios, conforme relato do P.^e José de Anchieta; depois, segundo depoimento de Couto de Magalhães, seria um gênio protetor dos campos contra os que provocavam incêndio nas matas e, finalmente, o cristianismo identificou-o com as almas penadas que purgam pecados de incesto ou de relações sacrílegas”.

Ao contrário do que afirma esse autor, verificou-se, pelas narrativas e relatos coletados, uma mudança na forma ‘física’ do ente sobrenatural no Paraná, além de onomástica, fixando-se a variante fonética mais antiga, ‘baitatá’.

Além dessa diferença, o mito toma feições e nomes diversos conforme a região brasileira. Na toponímia é raro o boitatá servir de motivação para denominar lugares. Uma das poucas referências é a Praia do Canto, no litoral norte fluminense, local de passagem escolhido pelos pedestres que, assim, evitavam outro caminho ao redor, onde aparecia ou habitava o boitatá.

Se o baetatá existe realmente? Deixo que meus leitores tirem suas próprias conclusões com base em alguns trechos retomados da fala dos informantes: não tenham medo do baitatá paranaense, ‘talvez ele não exista mais’, ‘não está existindo quase mais’, pois muitos só o viram ‘lá longe no bico da serra’, uns ‘verdes’, outros ‘amarelos’, outros, ainda, ‘vermelhos’ ou ‘azuis’, e até ‘invisíveis’; em todo caso, não custa aprender a ‘fazer um círculo, desenhar umas cruces dentro, rezar o Creio em Deus padre, a Salve rainha e outras rezas’ especiais, mas ‘não assobie que ele vem que vem doido pra cima de você’; mas na maioria das vezes ‘ele fica assobiando’, ‘procurando o outro’, ‘passeando por longe, de um lado para o outro’, às vezes ‘senta na ponta de uma peroba ou de um pinheiro e fica quieto lá onde ele baixa’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AMARAL, Amadeu. *Tradições Populares*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional*. Vol. I. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.

BARBOSA Lessa (seleção e introdução). *Antologia ilustrada do folclore brasileiro: estórias e lendas do Rio Grande do Sul*. São Paulo. Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda., 1963.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 2. ed., 1986.

BOITEUX, Lucas A. *Achegas à poranduba catarinense*. Disponível em www.jangadabrasil.com.br. Acesso em 17/08/2001.

BOLEO, Manuel de Paiva. Relações da lingüística com a etnografia e o folclore. *Revista Portuguesa de Filologia*. v. XIX. Coimbra, 1991.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3 ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COLOMBRES, Adolfo. *La vivora de fuego: mboi-tata*. Disponível em www.temakel.com/mitlusmboitara.htm. Acesso em 17/08/2001.

CORRÊA, Romanguera; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de; CALLAGE, Roque. *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre: Globo, 1964.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed.; 6ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

ENCINA. *Boitatá (Mboi-tatá, baitatá, bitatá, biatatá, batatão, João Galafuz...)*. Disponível em: encina.pntic.mec.es/~agonza59/indigenas.htm. Acesso em: 17/08/2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 ed. 12ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

LOPES NETO, Simões. *Textos literários em meio eletrônico*. Disponível em [www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/lendas do sul](http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/lendas%20do%20sul). Acesso em 18/08/2001.

SANTOS FILHO, Benedito Nicolau. *Mitos e heróis do folclore paranaense*. Curitiba: Herege, 1979.

WALDECK, Guaeira. *Lendas populares: a riqueza do imaginário brasileiro*. Coordenação de Folclore-FUNARTE, Disponível em www.amazonlink.com.br/lendas. Acesso em 17/8/2001.

¹ No mapa identificamos os informantes do sexo masculino e feminino pelos símbolos ♂ e ♀ respectivamente.

² Para a transcrição das narrativas no presente trabalho, adotamos a norma padrão escrita, adaptando os traços da linguagem rural original e mantendo alguns recursos da oralidade, como repetições, digressões, etc..